

A Comunicação e um dos seus dilemas: a interdisciplinaridade¹

Paulo Fernando de Carvalho LOPES²

Adriana Maria MAGALHÃES³

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

A discussão sobre a interdisciplinaridade nos estudos da Comunicação, iniciados em meados do Século XX, não chegaram a termo e atualmente têm-se discutido bastante. Ao serem realizados estudos sobre uma melhor conformação das Teorias da Comunicação depara-se direta ou indiretamente com o dilema da interdisciplinaridade. Três abordagens distintas compõem um quadro epistemológico: a primeira indica que os estudos, considerando este aspecto, iniciaram quando as disciplinas ligadas às Ciências Humanas e Sociais que já estavam consolidadas; a segunda considera a interdisciplinaridade a partir da onipresença da Comunicação e que foi a consolidação do campo e a variedade dos *media* que despertaram a atenção das outras disciplinas e; por fim, a ausência de uma definição sobre interdisciplinaridade e seu papel na institucionalização do campo. A interdisciplinaridade enquanto uma reflexão investigativa torna-se objeto de estudo na busca de comparar as definições propostas por alguns pesquisadores da área como tentativa de melhor entendê-la em relação a seu papel na estruturação e configuração do campo comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; interdisciplinaridade, teoria da comunicação; campo.

1. Introdução

Os problemas decorrentes da discussão sobre ciência e produção científica abrangem todas as áreas. Com a comunicação não é diferente. Ao internalizar um paradigma, o cientista carrega consigo uma gama de informações que se alteram de forma drástica com sua mudança. Ao se conceituar paradigma destaca-se a temporalidade dos mesmos, uma vez que estes são refutados de tempos em tempos no bojo das revoluções científicas: “[...] um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 2011, p. 221). Deste modo, um paradigma configura-se numa

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI, email: lopespaulofernando@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI, email: adrianamagalhaes2011@gmail.com.

realização científica capaz de fornecer questionamentos e respostas aos praticantes de uma ciência (KUHN, 2011).

Desejada ou não, a troca de paradigma pode mudar a forma como os cientistas vêem o mundo. “[...] embora o mundo não mude com uma mudança de paradigma, depois dela o cientista trabalha em um mundo diferente” Kuhn (2011, p. 159), o autor reforça que “[...] Não importa o que o cientista possa então ver, após a revolução o cientista ainda está olhando para o mesmo mundo.” Kuhn (2011, p. 168).

No que tange à aceitação ou refutação de paradigmas, para Morin (2007), a contradição entre duas verdades não obrigatoriamente torna um paradigma certo e outro errado. A coexistência de ambos é perfeitamente aceitável, e em comunicação torna-se necessária, vez que no seu interior coexistem ideais diametrais.

Temos na história do pensamento ocidental uma tradição que passa por Heráclito, por Pascal, Hegel, Marx e outros, Lupasco, que diz que duas verdades contraditórias podem valer ao mesmo tempo. Pascal disse que o contrário de uma verdade não é um erro, é outra verdade. É o mesmo que dizia o grande físico Bohr, um dos pais da microfísica: o contrário de uma verdade profunda é outra verdade profunda. Esta é uma coisa muito importante: comparar duas verdades profundas, ou seja, considerar a ambivalência. (MORIN, 2007, p. 51)

A Comunicação comporta-se de modo peculiar e, diferente das outras áreas do conhecimento, aceita e de certa forma até fomenta a existência de ideias completamente antagônicas. Isso acontece em decorrência da própria gênese da Comunicação, uma vez que “[...] os fenômenos humanos repousam sobre a *multicausalidade*, ou seja, sobre um encadeamento de fatores, de natureza e de peso variáveis, que se conjugam e interagem” (LAVILLE & DIONNE, 2011, p. 41).

Não podemos afirmar, que na Comunicação já se tenha vivenciado a suplantação da discussão sobre paradigmas, tamanha é a diversidade de temáticas e objetos. As teorias desenvolvidas assim o foram para responder questionamentos específicos, não servindo assim ao mesmo propósito em outras pesquisas.

Segundo França (2001)

A Teoria ou as Teorias da Comunicação devem responder pelos fundamentos dessa área de conhecimento; apresentar a trajetória e as diferentes bases conceituais que vieram sendo construídas. Ora, deve haver um consenso mínimo da comunidade científica sobre essas bases; deve

existir uma história e um patrimônio de conhecimento partilhados. E não é bem esta nossa realidade.

Essa efervescência de discussões não é ruim para o campo, ao contrário, as tentativas levam o campo a tornar-se cada vez mais dinâmico e pulsante, a se reinventar para acompanhar o ritmo das transformações que a Comunicação promove na sociedade, e consequentemente as revoluções que a sociedade promove na Comunicação. Ela convive com dilemas como: o não consenso sobre a construção (ou constituição) do campo, a delimitação dos seus objetos de estudo e a utilização de teorias propostas, em sua maioria, por outras disciplinas etc. A tarefa de apresentar respostas para cada um desses conflitos vem sendo tratada em vários estudos desenvolvidos no interior do campo.

Aqui, parte-se da noção de campo cunhada por Bourdieu (1983), para explicar a configuração do campo científico. Segundo o sociólogo, o campo configura-se num espaço de disputas, com o objetivo único de deter o monopólio da legitimidade. Nesta disputa de forças os agentes sociais atuam na conservação ou transformação do mesmo. Mas a atuação das forças externas ao campo leva o sociólogo a defender a ideia de que o mesmo goza de autonomia relativa, nunca total. (Bourdieu, 2004) Essa relatividade, no caso da Comunicação, pode ser identificada através da interdisciplinaridade, como veremos adiante.

2. O dilema da diversidade e da interdisciplinaridade

Uma primeira questão aponta para o fato da Comunicação se configurar em um emaranhado de indefinições, pois somente em meados do século XX foram iniciados os estudos referentes aos fenômenos ligados aos usos e efeitos dos meios de comunicação de massa. “[...] foi só então que a comunicação se instituiu como área de conhecimento reclamando para si uma certa autonomia [...]” Santaella (2010, p. 18). Com a crescente variedade de meio de comunicação de massa, pesquisas relacionadas aos fenômenos comunicacionais tornaram-se objeto de estudo de outras disciplinas, tais como: Sociologia, Ciência Política, Psicologia, História, Economia, Educação, Artes, Literatura, etc. É importante frisar que essa realidade não faz da Comunicação um subcampo, dependente e inferior aos demais, mas, sim um campo de conhecimento indispensável cujo início esteve ligado a outras áreas que propuseram a ele diferentes definições.

A segunda indica que devido este caráter plural da Comunicação as primeiras teorias produzidas nasceram carregadas de conceitos e paradigmas originários de outras áreas. A indefinição da abrangência, pluralidade do campo e a gama crescente de questões levou ao rápido crescimento do número de estudos teóricos, que posteriormente foram abarcados pela Comunicação sob o rótulo de “Teorias da Comunicação”, antes mesmo que o próprio campo pudesse se configurar por uma homogeneização.

A tarefa de definir o que está circunscrito ao âmbito da comunicação não é fácil. A intersecção entre campos pressupõe uma mescla de conhecimentos, que ao tempo que gera respostas às questões propostas, também, propõe novos questionamentos. O contato entre a Comunicação e as disciplinas afins, que se propõem a estudar os fenômenos relacionados à interação entre sociedade e os *media*, denomina-se interdisciplinaridade. É exatamente essa característica que faz da Comunicação um campo ímpar, de atuação tão difusa quanto abrangente.

O léxico interdisciplinaridade pode ser, a princípio, definido como a relação entre disciplinas ou áreas de conhecimento. Quando empregado para tratar especificamente do campo da Comunicação valida a existência de pontos de intersecção entre esta e as disciplinas afins. Assim neste ponto existem posições divergentes.

Martino (2001) ao discorrer sobre o cepticismo e a sistematização de uma área que possa ser considerada como Teoria da Comunicação, apresenta duas posições ligadas a primeira corrente de pensamento. Uma que duvidaria da possibilidade de uma ciência da Comunicação devida uma falta de autonomia dessa disciplina. “não existiria um saber propriamente comunicacional, mas saberes que se ocupam de certos objetos empíricos, genericamente designados como “fenômenos comunicacionais”, ou simplesmente “comunicação”” e uma segunda que reconheceria a autonomia da disciplina em sua forma de organização interna.

O autor chama atenção, ainda, para a diversidade no volume de publicações sobre pesquisas em comunicação. Segundo ele, não é dado destaque para aos fundamentos desta disciplina resultando numa fragilidade dos conhecimentos gerados e colocando em jogo “problemas não somente de coerência, mas da própria consistência da área de Comunicação”. Esta problemática demanda a necessidade de uma sistematização, função cara ao pensamento científico. Não é possível negar que a Comunicação enquanto disciplina ganhou tónus e reconhecimento a partir dos estudos “emprestados” pelas demais áreas do conhecimento.

Essa troca de informações e saberes fez da Comunicação uma disciplina única. Segundo o autor, o início das pesquisas em torno da Comunicação, em meados do século XX, gerou uma série de modificações nas disciplinas já existentes, que acabaram levando ao desenvolvimento de um novo campo do conhecimento, uma vez que os novos problemas de pesquisas originados, a partir do contato da sociedade com os meios de comunicação e os produtos da indústria cultural, suscitaram dúvidas e problemas de pesquisa até então inéditos.

Mesmo com o emprego do conhecido gerado por outras disciplinas, alicerçados em suas tradições, não foi possível responder tais questionamentos, as pesquisas não chegaram a termo, as questões foram respondidas apenas parcialmente, utilizando-se como base o conhecimento existente até então. Assim, os pesquisadores precisaram propor e testar novas teorias, mas sempre muito específicas e direcionadas a resolução de uma questão particular. Tal comportamento fez surgir uma série de teorias, mas cada uma foi cunhada dentro de um contexto histórico, econômico e comportamental específico.

Para Martino (2007), a existência da multiplicidade e o grau de confusão na definição quais são as Teorias da Comunicação é um convite para pensá-las levando em consideração, também, a interdisciplinaridade. A multiplicidade de Teorias da Comunicação empresta ao campo o aspecto de uma colcha de retalhos. Agrupando em seu bojo informações originárias dos diversos campos do saber. O que soa mais problemático neste íterim, é que muitas vezes essas partes caminham de forma autônoma, sem interação significativa. Se por um lado esse comportamento contribui para reafirmar a ideia da interdisciplinaridade, de outro dificulta as definições epistemológicas no interior do campo. “Do ponto de vista epistemológico, o êxito de elementos tão frágeis não deixa dúvidas sobre o pouco desenvolvimento do pensamento epistemológico em nossa área. A Comunicação ainda é vista como área interdisciplinar, se colocando como para além e acima da ciência”. (MARTINO, 2006, p.08)

O aspecto fragmentado da Comunicação, é trabalhado em Berger (2007) que defende a tese que mesmo que o campo tenha nascido fragmentado é necessário que haja uma “síntese das investidas interdisciplinares” (p.51) para que o pesquisador na área deixe de ser um mero testador de hipótese.

Craig (2007) ao defender que existem tantas teorias da comunicação, afirma que as humanidades têm se tornado mais científicas devido a interdisciplinaridade que permite a

emergência e recombinação de disciplinas, neste caso, o fortalecimento dessa característica possibilita o surgimento de novas temáticas e subáreas a cada avanço do campo.

Para França (2001), a interdisciplinaridade é um estado transitório, pontual e datado. Segundo ela, os problemas vividos pela área da comunicação são decorrentes da sua natureza interdisciplinar. Sem negar a relevância desta natureza, questiona se

"[...] Frente a tal diversidade de olhares e apreensões, a uma abertura tão geral, devemos observar se o rótulo da interdisciplinaridade não estaria estimulando ou camuflando a falta de diálogo e de interseção das contribuições – resultando na falta de especificidade de nosso objeto". (FRANÇA, 2001,p.06)

A autora defende que caso a interdisciplinaridade torna-se duradoura ela perderia seu estado interdisciplinar e tornar-se-ia uma nova disciplina.

Em Braga (2011) esta discussão passa pela revisão de apontamentos feitos em 2001 sobre a interdisciplinaridade. Em 2001, o autor recusava a explicação do Campo da Comunicação como interdisciplinar, pois, de acordo com ele, o objetivo era demarcar o campo e não considerar que “tudo” seria Comunicação. Atualmente, considera que a Comunicação enquanto disciplina de conhecimento social não comporta mais um ângulo rigidamente unificado, mas sim, variedades, preferências diversas. A existência de interfaces pode contribuir para área desde que sejam respeitados e apresentados os enfoques comunicacionais.

[...] A questão que se coloca hoje é justamente a de perceber as articulações entre o campo da Comunicação e outras áreas – o que se espera de cada lado da interface. [...] Temos também um espaço de desafios especiais para nossa área, pois o ‘outro lado da interface’ – fornece teorias e perspectivas necessárias, mas arrisca também absorver a atenção do pesquisador, por suas teorias e objetos mais tradicionalmente delineados. (BRAGA, 2011 p. 64)

Para o autor, com muitas pesquisas ocorrendo em interface o que o que faz questão é assegurar possibilidades de avanço de conhecimento em Comunicação e de contribuição comunicacional para as ciências de áreas afins.

3. Considerações Finais

O importante é perceber que o “nascimento” tardio do campo da Comunicação traz consigo bônus e ônus. De certa forma libera seus pesquisadores da obrigatoriedade de definições conceituais em curto prazo, mas ao mesmo tempo, essa liberdade coloca em xeque o desenvolvimento do saber comunicacional.

Nesse âmbito, até mesmo os pesquisadores do campo da Comunicação podem sentir-se tentados a utilizar e aceitar tais paradigmas, concebidos e apoiados nos estudos realizados fora do campo, em alguns casos deslocados no tempo e no espaço. Como exemplo, destaca-se a utilização da Teoria Hipodérmica, cunhada na primeira metade do século XX, para estudos atuais de recepção. Tal teoria, assim como as demais aplicadas ao campo da Comunicação, foi produzida num período histórico determinado por um contexto econômico, político e comportamental específico, e diametralmente oposto ao contexto atual. Essa ideia inviabiliza, portanto sua utilização nos dias atuais.

Uma Teoria Geral da Comunicação deve representar a reunião de conceitos, procedimentos metodológicos, objetos de estudo, etc. Em se tratando de Comunicação, especificamente, a ubiquidade da disciplina impede essas generalizações, conforme defende Epstein (2011, p.27). A Comunicação enquanto campo de conhecimento científico experimenta certa imprecisão epistemológica. Uma definição de conceitos, métodos e objetos segundo alguns pesquisadores fatalmente engessaria a disciplina. E em pouco tempo, novos objetos de estudo se descortinariam diante dos olhos dos pesquisadores e, a Comunicação não poderia de certo englobá-los. A fragmentação do campo, apontada como produto da interdisciplinaridade, não é fator mais preocupante neste quesito. A falta de interação entre as subáreas, sim, representa um ponto nevrálgico. Todas partes do campo comunicacional ideal seria que ou preservassem o mínimo de unicidade, já que nenhuma das subáreas pode se constituir independente do campo e, que nenhuma verdade é absoluta, é sempre parcial vinculada ao local de fala e ao referencial adotado ou conforme sugere Braga (2011) preserve o comunicacional diante da diversidade uma vez que a interface não é mais problema de exclusão mas de espaço e fronteira.

A discussão sobre campo e paradigma, sob a óptica de Bourdieu (2004) e Kuhn (2011), ajuda na reflexão sobre a problemática que circunda o campo da Comunicação. O esforço, muitas vezes solitário, dos pesquisadores da área não é suficiente para moldar um campo do conhecimento comunicacional, ao mesmo tempo, as ideias contraditórias em

tornos das interrogações existentes impede que o conhecimento seja cunhado sem um esforço coletivo.

De um lado essa tentativa pode finalizar um ciclo de buscas inquietações, mas, de outro pode circunscrever apenas uma parte das questões que realmente interessam a disciplina, deixando de fora outras tantas de singular importância. O leque de opção de estudo disponível aos pesquisadores da área é cada dia maior, o que contribui para o crescimento da inquietação. Neste momento os pesquisadores da área experimentam mais questionamentos do que certezas. Assim a Comunicação, ainda, precisa avançar e amadurecer suas ideias.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 28. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.) FERNANDES, F. (Coord.). **Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. cap. 4, p. 122-155. Acesso em: 29 set. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**. Rio Grande do Sul, 2011, n. XXV, p. 62 – 77, jan. / abr. 2001.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2011. cap. 1, p. 15-31.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da Comunicação**: conhecer o quê? Ciberlegenda, Número 5, 2001. <http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm> Acesso em 12/08/2007.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e Democracia**: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação**: conceito, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

KOURY, M. G. P. Uma introdução ao texto de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, Paraíba, v. 6, n. 16, p. 206-209, abr. 2007

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 260 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia para pesquisa em ciências humanas. Reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**: 1 comunicação contemporânea. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINO, Luiz C. **Cepticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional**. apresentado na X - COMPÓS, Congresso Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, realizado na Universidade de Brasília, em Brasília, junho de 2001.

MARTINO, Luiz C. **Abordagens e representação do campo comunicacional**. apresentado na XV - COMPÓS, Congresso Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, realizado na Universidade Estadual de São Paulo, em Bauru, junho de 2006.

MARTINO, Luiz C. (Org.); BERGER, Charles; CRAIG, Robert T. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MORIN, Edgar. As duas globalizações: comunicação e complexidade. In: Silva, J. M. **As duas globalizações: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente**. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, EDIPUCRS, 2007.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social**. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevir, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**. 2. ed. São José do Rio Preto: Bluecom, 2010.

SFEZ, Lucien. **A comunicação**. São Paulo: Martins, 2007.

SILVA, Juremir Machado. Em busca da complexidade esquecida II. In: Silva, J. M. **As duas globalizações: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente**. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, EDIPUCRS, 2007.

VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan. / abr. 2007.